

## **PROFESSORAS, GÊNERO E DESENVOLVIMENTO NA PAN-AMAZÔNIA: LEITURA E ENSINO NO CONTO ACREANO**

MARGARETE EDUL PRADO DE SOUZA LOPES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE).

### **Resumo**

Nesta comunicação, tratamos de questões relativas à condição da mulher professora, relações de gênero e desenvolvimento no contexto da pan-Amazônia, todas ainda muito pouco desenvolvidas. De fato, um levantamento aprofundado sobre a produção científica a respeito revelou a insipiência dos trabalhos e também o número bastante reduzido de pesquisadoras nesta área, do que as instituições públicas, as ONGs e o movimento social muito se ressentem. Assim, além de reunir uma série de contos acreanos que representem a escola, sala de aula e professoras, pretendemos ainda revelar as condições precárias do ensino e da leitura nas brenhas da floresta e a força das mulheres para que este ensino prevalecesse e se devolvesse nas mais improváveis condições. São contos de importância histórica, pois retratam situações nos quais uma professora viaja de burrego para as lonjuras da floresta, onde recebida em festa por ser o símbolo da sabedoria. Relatos em que se tem que lutar com os preconceitos locais para se abrir uma escola, preconceitos que esbarram, sobretudo, nas questões de gênero. Registros que ilustram as estratégias de diversas mulheres para através da educação, melhorar a vida e as relações humanas na sociedade. Enfim, não somente demonstrar as dificuldades para se ler um jornal que chegava com meses de atraso, mas principalmente revelar a diferença que faz a leitura na vida das pessoas por aumentar a capacidade de lutar, de compreender a vida, de enfrentar os obstáculos, ainda mais quando se trata de mulheres leitoras, muito mais que professoras.

### **Palavras-chave:**

Genero, Conto acreano, leitura e ensino.

A profissão que a sociedade brasileira ofereceu e elegeu à mulher que desejasse ou precisasse sair do ambiente doméstico para o público foi, por muito tempo, a de profesora. A tolerância com este tipo de atividade fora do lar veio sendo acatada desde a segunda metade do século XIX, por se considerar tal profissão como adequada às qualidades da mulher - cuidado, delicadeza, sentimento - "habilidades" mais próximas ao tratamento que deveria ser dado a uma criança e melhor operada por elas do que por um homem. Importante ressaltar que, em muitas ocasiões, naquele século, a mulher foi vista, do ponto de vista intelectual, muito mais próxima da criança do que do raciocínio de um homem. Sendo o casamento e a maternidade efetivamente constituídos como a verdadeira carreira da mulher, era mister propiciar às mulheres uma profissão que fosse compatível com tais funções:

(...) as mulheres tinham, "por natureza", uma inclinação para o trato com as crianças, elas eram as primeiras e "naturais educadoras", portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, a "extensão da maternidade", cada aluno era visto como um filho ou filha "espiritual" (...) a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação. A ele acorreriam aquelas que tivessem "vocação" (LOURO, 1997, p. 450).

Além de tudo, a jornada de trabalho sendo mais curta, isto é, de meio período, não prejudicava o exercício das tarefas domésticas, nem a fazia se descuidar de suas obrigações no lar. Portanto, esse possível escape do ambiente doméstico, estava mais coerente com o código construído de suas habilidades, atitudes e comportamentos definidos, historicamente, como sendo femininos.

As mulheres brasileiras, por décadas, além de serem relegadas a um plano secundário na vida em sociedade, foram proibidas pelas regras do código burguês de transpor as fronteiras do lar, permanecendo distantes de uma instrução acadêmica e do direito de exercerem um trabalho remunerado. As primeiras escolas normais começaram a ser criadas, no Brasil, em meados do século XIX, em algumas cidades, em razão da situação de abandono em que se encontrava a educação nas províncias brasileiras. Entre 1549 e 1759, a atividade docente no Brasil, como em muitas outras sociedades, foi iniciada e controlada por homens. Porém, a criação das escolas normais permitiu a entrada das mulheres nas escolas, ansiosas para ampliar seu universo, restrito ao lar e à igreja. Aos poucos, os homens foram saindo das salas de aula, enquanto o número de mulheres normalistas aumentava cada vez mais, movimento que deu origem a uma "feminização do magistério", aqui e em outros países (LOURO, 1997, p.448).

No Acre, como as ressonâncias das reivindicações feministas alcançam a região mais tardiamente, ainda nas décadas de 1950 e 1960, do século XX, a única alternativa para as mulheres que desejavam estudar, e que não tinham recursos da família para sair do Estado, era realizar o curso de magistério na Escola Normal da capital. Sendo o magistério uma profissão em conformidade com as qualidades que se esperava da mulher na sociedade patriarcal, logicamente, as acreanas se sobressairam na área da Educação, como não poderia deixar de ser, de acordo com os valores da época.

Grande parte dos estudos sobre a educação feminina tem evidenciado a estreita ligação entre o ser mulher e a escolha de cursos com conteúdos humanísticos, que convergem para profissões tipificadas socialmente como femininas, como o ser professora das séries iniciais ou das áreas das ciências humanas e sociais.

Tal destinação decorre, entre outros motivos, de uma concepção essencialista que diz ser a mulher de natureza dócil, paciente, humana, hábil no trato com pessoas e com tendência para gostar e saber cuidar de crianças e adolescentes, enfim uma identificação com o papel desempenhado pela mãe ou outra pessoa marcante de seu universo familiar-social. (FAGUNDES, 2002, p. 233).

Diante destas afirmações é bem significativo observar e estudar textos literários no Acre, que tematizam a educação, o cotidiano em sala de aula e a vida das professoras. Algumas professoras marcaram de tal forma o imaginário de seus alunos que são citadas por diferentes autores. Um exemplo é a professora Mozinha, personagem histórica da sociedade rio-branquense, imortalizada na literatura pelo poeta e cronista Naylor Jorge, pelas escritoras Florentina Esteves e Leila Jalul, em crônicas pitorescas e bem humoradas. Dela registra Florentina, com palavras sem enfeites:

Por nome Sizinia Costa Feitosa, para os alunos Dona Mozinha. Voz meio estridente, gesticular brusco, forte o olhar, amansava qualquer menino. Professora "do Vinte e quatro de janeiro", compensava o orçamento com aulas particulares. Geração após geração, quem não passou por sua palmatória? Pendurada atrás da cabeceira da mesa grande, lustrosa de uso, até lembrava um crucifixo. A cruz dos alunos. Só de olhá-la, já lhes ardiam as mãos (Enredos da Memória, p.23).

Leila Jalul também relembra a palmatória de Mozinha, da professora de métodos muito rígidos, que segundo a autora tinha que ser assim uma vez que Mozinha pegava os alunos mais fracos e tinha que ser mais ágil para recuperar o tempo perdido e as limitações dos seus alunos que mais tarde renderam em médicos, advogados, embaixadores:

Dona Mozinha, tadinha, pegou as piores turmas. Sabe como é, os meninos e meninas do Segundo Distrito eram mais necessitados. Mais lentos. Mais feinhos. Entretanto, nada que uma boa palmatória de pau de aroeira não resolvesse. (...) Entre mortos e feridos, escapamos todos. Por força do destino e medo das palmatórias, somos hoje médicos, juizes, desembargadores, reitores, poetas e trovadores, além de professores, claro. (SUINDARA, 2007, p. 50-51).

Outro texto tematizando a Educação no Acre, que vale a pena destacar é *O caminhar do magistério*, terceiro livro de Terezinha Migueis[1] (1941-2000), publicado em 1989, poderia ser considerado uma novela ou um conto mais longo, estando dividido em 3 capítulos, sendo que em cada parte se relata cerca de 10 anos da vida profissional da professora Ica, até o momento de sua aposentadoria. As orelhas do livrinho contêm um depoimento de Clícia Cunha Gadelha, professora de literatura portuguesa da UFAC, falecida em 2007, sobre a trajetória de Terezinha Migueis como escritora e antecedendo o relato propriamente dito:

Ica, a protagonista, ao mesmo tempo em que sugere um estudo autobiográfico é, também, a personificação do professor acreano das últimas décadas, registrando suas aspirações, seus sacrifícios, suas grandes decepções, etc. Ao lado da história de Ica, a autora faz o registro de fatos e de pessoas que, no período abordado, participaram ativamente do processo educacional no Acre. (*O Caminhar do Magistério*, orelhas)

Terezinha Migueis foi, ela mesma, uma exímia educadora, tendo sido em vida uma figura muito conhecida e respeitada pela sociedade acreana. A história de Ica é, por assim dizer, a própria história de vida de Terezinha Migueis no magistério, suas experiências e sentimentos de amor pela carreira de professora.

Uma leitura da personagem Ica, enquanto paradigma das mulheres educadoras no Acre, seria um exemplo para discutir o imaginário social em relação à mulher na capital nortista mais afastada dos grandes centros culturais, a cidade de Rio Branco, dos anos 60 até finais dos anos 80, enfocando a importância das relações familiares. A história de vida de Ica nos possibilita uma análise dos discursos em relação à mulher existentes então, e também reflete, em certa medida, sobre as relações de gênero da época.

O relato é bem detalhado, com pormenores do cotidiano de uma professora, as suas tarefas cotidianas e fadigas com os alunos, os atrasos de salário, sua dedicação com a escola, ajudando em todas as tarefas, até mesmo ultrapassando

seus deveres como educadora e substituindo as atividades de outros funcionários, como se a escola fosse o desdobramento de sua própria casa:

O certo é que trabalhava pra burro! Sem falar nos colegas, que eram incansáveis. Ica chegava bem cedinho à escola, ajudava o pessoal, organizava tudo. Puxava água, era servente (quando faltava alguma), era ajudante de merendeira, era tudo; salvo vigia. Ainda bem que, à tarde, havia uma ótima equipe e Ica só ia lá duas vezes por semana, quando não tinha aula no ginásio... (O caminhar do Magistério, 1989, p.102).

Ica iniciou seu trabalho no magistério em fins dos anos cinqüenta, como professora de alfabetização em escola municipal. Como ela ainda não havia terminado o curso normal, começou a dar aulas através de um convite do prefeito, sem fazer concurso e sem contratação formal, foi chamada por ter sido indicada por ex-professores, por demonstrar desde jovem sua inteligência e habilidade para o ensino:

Jovem, muito sadia, trabalhadeira, com muita vontade e com muita garra, esta mestra iniciou, no final dos anos cinqüenta, a sua carreira, como professora municipal, pois havia sido chamada pelo Prefeito, amigo de seus pais, por indicação de alguns de seus ex-professores, que ainda estão vivos, por aí afora. (Idem, 17).

No entanto, não podemos deixar de assinalar que sua entrada no espaço público se deu com a aquiescência da família e o lugar que lhe foi designado passou pelos laços de amizade, mostrando assim as relações de afinidade entre o poder instituído e segmento social ao qual se pertence. Podemos observar que a narradora descreve Ica, sempre apenas Ica, sem nenhum sobrenome, provavelmente para que seja ela tomada como modelo para toda uma geração de mulheres de classe burguesa local, revelando quais foram as suas dificuldades ao se deparar com o ambiente público. Também temos a informação de que o ensino do Acre era mais informal, "contratando" pessoas jovens, consideradas com "vocação" para o ensino, para trabalhar e preencher a carência de mão-de-obra, que naquele tempo já existia nas escolas. Na ausência de qualificação profissional, bastavam a "vocação" e ter sido um excelente aluno do ginásio:

Naquela época, os bons alunos, que demonstravam vocação para o magistério, eram logo convidados a trabalhar com maior facilidade, pois pouca gente queria ser professor por causa do ganho que já era quase nada e o pobre educador passava meses e meses sem receber um centavo. Só recebia mensalmente, quem já era do quadro federal. (Idem, 1989, p.17)

Nesta passagem, há informações relevantes. Primeiro, a concepção sobre o processo educativo que era vigente na época: a atividade docente já estava caracterizada como tipicamente feminina, disso resultando certa desvalorização da profissão de professor, ao se admitir jovens considerados(as) melhores alunos(as) do curso ginasial e com "vocação" para ensinar nas escolas primárias da época, uma vez que se escolhiam estudantes que se submetiam ao esquema de passar meses sem receber salários: "naquela época quem terminava o ginásio e

ingressava no Normal Pedagógico era considerado capaz de lecionar, porque o antigo ginásial correspondia, sem exagero algum, ao segundo grau de hoje" (O Caminhar do Magistério, 1989, p. 18).

Destaque-se o caráter precário e provisório do trabalho, com os ex-alunos sendo convidados a ensinar sem concurso e sem contrato oficial, mediante memorando de apresentação para a escola selecionada, uma situação que favorecia o pagamento de salários reduzidos e insignificantes, de periodicidade semestral, muitas vezes anual, dependente de uma verba federal: "recebia-se por tal verba que era remetida, nem sei ao certo por onde ou qual o órgão responsável, e somente em março ou abril, de cada ano". (Idem, 1989, p.18).

Ica trabalhou, nesta situação de descaso, como professora do município, por onze anos e nunca foi contratada oficialmente, nem fez parte do quadro federal. Depois de muito tempo nesta situação, como trabalhava com dedicação e sempre elogiada pelos pais e superiores, Ica procurou saber a razão:

Que um fulano, residente em Brasília, não gostava de um parente de Ica por problemas políticos, na época. Então, como só tinha a mestra pra prejudicar e jogar a sua ira, toda vez que vinha o nome dela na relação, ele simplesmente justificava, à sua maneira, para o DASP, hoje SEPLAN, colocando sempre outra pessoa, quem sabe, desqualificada, em seu tão sonhado lugar. (O Caminhar do Magistério, 1989, p.20)

O trecho acima ilustra o funcionamento dos mecanismos de controle do sistema educacional acreano, naqueles tempos, e o poder exercido injustamente por aqueles que estavam no comando. Guacira Lopes Louro afirma que os homens monopolizaram por muito tempo as funções de poder no espaço educacional, porém no patamar de decisões:

Com exceção das escolas mantidas por religiosas onde as mães ocupavam posição superior, nas escolas públicas, foram os homens que detiveram por longo tempo as funções de diretores e inspetores. Reproduzia-se e reforçava-se, então, a hierarquia doméstica: as mulheres ficavam nas salas de aula, executando as funções mais imediatas do ensino, enquanto os homens dirigiam e controlavam todo o sistema. A eles se recorria como instância superior, referência de poder; sua presença era vista como necessária exatamente por se creditar à mulher menos firmeza nas decisões, excesso de sentimento, tolerância (LOURO, 1987, p.460).

Apesar de todas essas discriminações e percalços, Ica é descrita como uma pessoa que passou a vida "trabalhando com tanto amor, com tanta vocação, com tanta responsabilidade, sempre disposta a tudo pela educação e pelas crianças, sendo elogiada, sendo procurada inclusive por mães de crianças para que fossem colocadas em sua turma" (O caminhar do Magistério, 1989, p. 20). Na realidade, Ica acreditava piamente ter uma vocação, ajudar o próximo, desentranhar da ignorância as crianças, receber dinheiro por sua atividade fora do ambiente doméstico, provavelmente, vinha em segundo plano.

Ica, depois de anos trabalhando para a Prefeitura, decepcionada por nunca ter sido contratada oficialmente, em 1967, foi convidada pela Secretária Estadual de Educação para trabalhar como professora do Estado. A esta altura, o território havia adquirido autonomia, passando a ser um Estado da União. Ela aceitou prontamente o convite e decidiu também terminar o curso normal, que abandonara, oito anos antes, quando se casou. Seu retorno aos estudos indica mais do que ela deixou explícito na narrativa, uma vez que aceitou o novo trabalho e se matriculou no curso normal sem pedir o consentimento do marido que se encontrava viajando.

A Secretária mandou a professora procurar uma escola e apanhar, no dia seguinte, na Secretaria, o seu memorando de apresentação. Ica preferiu uma escolinha maravilhosa! Era a mais próxima de sua casa. [...] Quando seu marido chegou, do seringal, foi meio difícil. Ela teve que enfrentá-lo e contar-lhe tudo: do estudo e do trabalho. Eta! Foi um Deus nos acuda! Ele disse que ela iria trabalhar de graça e ainda gastar do bolso com escola, etc, etc. Não apanhou, pois ele nunca demonstrou essa covardia, mas foi bem grosseiro, dizendo à professora que já bastava a escola da Prefeitura. Ica tentou explicar de todas as maneiras, mas não tinha jeito. Ele estava irredutível. (O caminhar..., 1989, p.53)

O trecho assinala que o marido de Ica foi contra as decisões dela de retomar seus estudos. Mas Ica, no final da década de sessenta, via que as regras para a mulher estavam mudando e ela teria que ser determinada e persistente, decidindo-se por seguir em frente, à revelia da vontade do marido, atitude documentada na novela, quando diz: *"eu preciso e quero estudar e trabalhar. Estes também foram sonhos meus, desde criança. Não vou mais desperdiçar essas oportunidades. Basta o tempo que eu já perdi sem consegui-las. Eu já decidi e já acertei tudo com as pessoas"*. (Idem, 1989, p.55).

Transitando entre os dois padrões de comportamento da mulher, na época, a futura contratada do Estado toma consciência da opressão que recebia do marido e das limitações de ser mulher, vivendo em uma sociedade que não aceitava que as mulheres articulassem seus deveres de dona de casa e esposa com uma profissão. Apesar disso, o casamento estava em primeiro lugar para Ica, se tivesse que perder o marido, preferiria desistir do magistério, de seus sonhos, de ter uma carreira. Guacira Lopes Louro observa sobre esta situação:

A incompatibilidade do casamento e da maternidade com a vida profissional feminina foi (e continua sendo!) uma das construções sociais mais persistentes. De fato, o "culto da domesticidade" já vinha se constituindo ao longo do século XIX e representava uma valorização da função feminina no lar, através da construção de vínculos entre o espaço doméstico e a sociedade mais ampla. A autoridade moral que as mulheres exerciam dentro de casa era o sustentáculo da sociedade e se fortalecia "na medida em que o lar passava a adquirir um conjunto de papéis de ordem social, política, religiosa e emocional [...] mais amplo do que tivera até então". (LOURO, 1997. p. 454).

As atividades profissionais representavam um risco para as funções sociais das mulheres no ambiente doméstico. Ica, como as mulheres de seu tempo e círculo social, foi educada dentro de padrões baseados nos estereótipos ligados ao gênero feminino, segundo os quais a conciliação dos papéis de educadora com o de esposa e mãe se tornou uma obrigação estimulada pela sociedade, atravessando as

décadas. Segundo Guacira Lopes Louro, "*Foi também dentro desse quadro que se construiu para a mulher, uma concepção de trabalho fora de casa como ocupação transitória, a qual deveria ser abandonada sempre que se impusesse a verdadeira missão feminina de esposa e mãe*". (Idem, 1997, p.453).

Ica foi uma mulher que escolheu uma profissão feminizada, que permitia conciliar os deveres de esposa e mãe, ela percebia seus limites e os aceitava, mas teve os méritos de saber se impor em família, lutando pelo seu espaço fora de casa, com a determinação de continuar seus estudos, mesmo após muitos anos de casada. Esse esforço, que não foi isolado, personificando a situação de muitas mulheres acreanas de seu tempo, constituiu-se num exemplo para a ampliação da formação intelectual e profissionalização da mulher no Acre, sua inserção no mercado de trabalho e busca de autonomia. A ampliação desse espaço, ainda que restrito, teve continuidade com a criação dos cursos de Pedagogia, na Universidade Federal do Acre, nos anos 70.

Ica terminou o curso Normal Pedagógico em 1969, já com mais de 26 anos, para ela foi uma grande realização. Após 1962, o curso Normal mudou de nome para curso Pedagógico, e a partir da Lei 5692/71, para curso de Magistério, incorporando em suas disciplinas um embasamento para a formação geral, com apenas a disciplina Psicologia relacionada ao ciclo profissional. (TORRES & SANTOS, 2001, p. 138).

Cada dia Ica era mais responsável; cada dia ela sentia o seu crescer, profissional e cultural. Aprendeu muito com excelentes professores da Escola Normal. Aperfeiçoou-se muito quando estudou as Metodologias; embasamento específico para um bom professor. Essas metodologias é que deveriam ser ministradas, até de uma forma mais diferente, se for o caso, para todos os cursos profissionalizantes, pois em todos eles há pessoas que querem, gostam e tentam entrar no magistério [...] ela terminara seu curso, sendo portanto normalista, isto é, professora mesmo, com canudo e tudo. Ela estava satisfeita, ela era muito feliz. (Idem, 1989, p. 65-66; 86).

O magistério foi a única opção que se coadunava com a sua identidade (aprendida e internalizada) de mulher e que permitia a manutenção dos padrões femininos do patriarcado. Segundo Torres & Santos (2001, p. 139), essa formação, que o curso de Magistério impunha às alunas, as prejudicava, na medida em que as tornavam professoras sem nenhuma consciência crítica, com um conhecimento restrito, manipulado e alienado, com uma visão limitada e deturpada da realidade em que estavam inseridas. Ou seja, um curso altamente moralista e conservador, que tinha o objetivo de preparar as moças para serem donas de casa e boas esposas. O real propósito da Escola Normal era formar e instruir um tipo de mulher que fosse submissa, alienada e que sempre reproduzisse tudo o que lhe fosse ensinado, sem nunca tomar atitudes questionadoras. O pensamento da personagem Ica não fugiu a estes valores, se ela questionava a baixa remuneração dos professores, a falta de reconhecimento de seu trabalho, nunca em sua vida o ofício de professora suplantou o papel de mãe: "*Foi convidada, várias vezes, para trabalhar em outras escolas e na Secretaria de Educação, em alguns cargos considerados elevados, mas nunca aceitou, para estar sempre com seus filhos, acompanhando-os, principalmente, na escola*". (Idem, 1989, p.100).

Ica, mesmo com sua firmeza de caráter, qualidade maior que a sociedade exigia de uma educadora, sempre encarava o papel de mestra com finalidade moralista, todavia, o magistério era mais um espaço no qual a mulher poderia ser modelada e modelar seus alunos, segundo os critérios socialmente aceitos. Depois de 16 anos trabalhando com o ensino fundamental, foi nomeada diretora, função que exerceu por pouco tempo. Em razão de seu marido se aborrecer com o fato, porque ela iria trabalhar mais, passar mais tempo fora e dar menos atenção em casa, Ica abriu mão do cargo.

Sua progressão na carreira deu-se em sala de aula, após a graduação. Ica fez um curso de Especialização em Língua Francesa, em Manaus, no Instituto de Educação do Amazonas, o que lhe permitiu dar aulas no ginásio.

Ica, muito estudiosa, matriculou-se em dois grandes cursos de especialização, nos quais se saiu muito bem, inscrevendo-se, logo a seguir, num concurso de professores para o nível superior. A dedicada mestra se esforçou muito, foi aprovada e classificada no tal concurso, ingressando no magistério superior, pois este era também, um de seus objetivos. E começou novamente a sua luta, como professora substituta, por um período de dois anos. (Idem, p.119).

Resumindo, Ica passou dez anos lecionando através de uma verba paga pela Prefeitura Municipal, recebendo de seis em seis meses, ou até de ano em ano. Depois trabalhou para o Estado, com promessas de contratação, que levaram anos para serem cumpridas. Quando foi contratada pelo Estado, Ica recebia um pró-labore por lecionar à tarde no ginásio, sempre um mês atrasado. Foi finalmente contratada num regime celetista, que não dava estabilidade ao empregado, mas: "Ica ficou tão feliz! Quantos anos à espera de um salário fixo, quase tudo que ela queria e poderia ter era às custas do marido". (Idem, 1989, p.119)

Como já foi mencionado, Ica reproduziu com sua vida e com seu trabalho o modelo de mulher que se coadunava com os valores impostos ao sexo feminino na época, contudo, ela sempre teve seus sonhos de autonomia e independência, por menores que fossem. Ica não somente assimilou os valores cultuados socialmente em sua época, como ajudou a transmiti-los e fortalecê-los em seu trabalho de professora.

A educação no Brasil, sempre ocorreu, ao longo de sua história, através de concepções e formas diferenciadas para homens e mulheres. Se hoje podemos testemunhar, através da televisão e dos noticiários, que a mulher ocupa quaisquer das profissões antes exclusivamente masculinas, como dirigir ônibus espaciais, apitar jogo de futebol, dirigir hospitais e bancos, tratar de assuntos de guerra e política internacional, estas conquistas foram alcançadas através não somente das lutas e reivindicações feministas, mas também, principalmente, da compreensão que o feminismo nos trouxe das construções sociais sobre as identidades de gênero.

#### REFERÊNCIAS:

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. "Gênero e escolha profissional", In: FERREIRA, Silvia Lucia & NASCIMENTO, Enilda Rosendo. *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: UFBA/NEIM, 2002, p. 233 - 245. (Coleção Bahianas 7).

FAGUNDES, Teresa Cristina Pereira Carvalho (Org.). *Ensaio sobre gênero e educação*. Salvador: UFBA - Pró-Reitoria de Extensão, 2001

LOURO, Guacira Lopes. "Mulheres na sala de aula", In: PRIORE, Mary del (org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 443 - 481.

PASSOS, Elizete Silva. "Crenças morais de uma educadora", in: FERREIRA, Silvia Lucia & NASCIMENTO, Enilda Rosendo. *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: UFBA/NEIM, 2002, p. 221 - 232. (Coleção Bahianas 7).

PASSOS, Terezinha Migueis. *O caminhar no magistério*. Rio Branco: Tico-tico, 1989.

TORRES, Claudia Regina Vaz & SANTOS, Marluse Arapiraca dos. "A educação da mulher e sua vinculação ao magistério", In: FAGUNDES, Teresa Cristina Pereira Carvalho (Org.). *Ensaio sobre gênero e educação*. Salvador: UFBA - Pró-Reitoria de Extensão, 2001, p. 129 - 141.

---

[1] Terezinha Migueis é o pseudônimo de Raimunda Migueis Passos, nascida em Rio Branco, em 1941, filha de pai português e mãe acreana. Casou-se com Edmilson Passos e teve dois filhos. Publicou em vida cinco títulos: *Credítes consideradas, também, acreanas* (1987), *Poesias e textos num mundo natural, sentimental e popular* (1988), *O caminhar no magistério* (1989), *Severino do Boi* (1997) e *Vivendo, falando, amando, através de poemas* (2000), deixando ainda inédito o livro *Quimioterapia e Radioterapia: agonia, ansiedade, medo, espera ou solução para os portadores do câncer?* A autora também foi membro da Casa do Poeta Acreano e Academia Acreana de Letras. Foi também artista plástica autodidata.